

Os pronomes pessoais retos numa perspectiva tradicional e linguística

Ana Lúcia Santos Mestre da Silva¹

Genilson Barbosa do Carmo²

Resumo: O presente artigo que foi elaborado na área da sociolinguística, busca analisar dois materiais didáticos de ensino de língua portuguesa, sendo uma apostila do sistema estruturado de ensino e a outra de ensino de língua portuguesa para imigrantes. Essa análise com foco na verificação da forma de ensino dos pronomes pessoais do caso reto nesses materiais didáticos, busca verificar se ambas podem se diferenciar no tipo de abordagem da gramática, uma vez que há abordagens gramaticais pautadas na tradição e outras na linguística. Buscamos apresentar um breve percurso da gramática tradicional, partindo da publicação da primeira gramática ocidental, a *Tékhné Grammatiké*, de Dionísio, o Trácio, assim como a exposição de algumas características presentes nessa obra, e que ainda estão presentes nas gramáticas tradicionais da atualidade. Posteriormente, apresentamos alguns conceitos de gramática tradicional e linguística, assim como o quadro pronominal presente na apostila do sistema estruturado de ensino e na apostila de ensino de língua portuguesa para imigrantes.

Palavras-chaves: Gramática; Linguística; O ensino de língua portuguesa.

Abstract: This article seeks to analyze two Portuguese language teaching materials, one of which is a workbook for the structured teaching system and the other for teaching Portuguese to immigrants. This analysis, which focuses on verifying how straight-case personal pronouns are taught in these teaching materials, seeks to see if the two can differ in the type of approach to grammar, since there are grammatical approaches based on tradition and others on linguistics. We try to present a brief overview of traditional grammar, starting with the publication of the first Western grammar, the *Tékhné Grammatiké*, by Dionysius the Thracian, as well as showing some of the characteristics present in this work, which are still present in today's traditional grammars. Afterwards, we present some concepts of traditional grammar and linguistics, as well as the pronominal chart present in the structured teaching system workbook and the Portuguese language teaching workbook for immigrants.

Keywords: Grammar; Linguistics; Portuguese language teaching

Introdução

O ensino da língua portuguesa nas escolas tem sido alvo de muitas discussões entre os linguistas. De um lado há aqueles que defendem o ensino pautado na gramática tradicional e de outro, os que defendem o ensino da gramática descritiva, aquela pautada nas mudanças e

¹¹ Graduanda em Letras Português/Inglês pela UNEMAT/PL - lucia.silva@unemat.br

² Professor departamento de Letras – UNEMAT/PL – Genilson.barbosa@unemat.br

inovações da língua. Este trabalho propõe uma análise acerca dos pronomes pessoais do caso reto numa perspectiva tradicional e linguística, explorando não apenas sua função gramatical, mas também seus possíveis significados.

Ao observarmos/analisarmos a gramática tradicional, torna-se indispensável a menção do erudito Dionísio de Trácia. Este estudioso desempenhou um papel de notável relevância no âmbito dos estudos linguísticos ao introduzir conceitos inovadores e viabilizar o advento da primeira gramática: a *Tékhne Grammatiké*³.

A *Tékhne Grammatiké* é conceituada como a “arte do bem-dizer” (Neves, 2005, p. 59), que buscou estabelecer um padrão baseado em regras para um bom desempenho da língua (Neves, 2008), e considerado como um exemplar descritivo que foi largamente difundido no ocidente (Uchôa, 2016). Essa obra serviu de modelo para o surgimento das gramáticas ocidentais, e as suas características ainda podem ser vistas nas gramáticas normativas da atualidade, pois Neves (2008, p. 33) salienta que “[...] a instituição dessa gramática exibe características centrais que ainda hoje se configuram em obras gramaticais disponíveis.”

Portanto, se a gramática elaborada por Dionísio de Trácia foi a obra inaugural que possibilitou o surgimento de outras gramáticas, se torna necessário analisar e identificar se as gramáticas de cunho tradicional existentes atualmente, ainda possuem os traços da *Tékhne Grammatiké*. Para isso analisaremos as conceituações das gramáticas, e o que as mesmas trazem de semelhanças e diferenças.

1-Gramática tradicional

A gramática tradicional, também chamada normativa por estudiosos, é usualmente descrita como um “[...]conjunto de regras que o usuário deve aprender para falar e escrever corretamente a língua[...].” (Neves, 2008), é também denominada como “[...] a reunião ou exposição metódica dos fatos de uma língua.” (Almeida, 1999).

Para explicar melhor sobre o conceito de gramática, Almeida (1999) faz uma comparação entre a artinha (um manual de noções teóricas de música) e a gramática, pois assim como a arte musical possui as suas regras e normas, a gramática também possui um conglomerado de regras para o uso perfeito da língua.

³ *Tékhne Grammatiké*: Obra de autoria de Dionísio de Trácia, que é considerada mãe das gramáticas, pois o seu surgimento possibilitou a inauguração de outros compêndios gramaticais.

Do mesmo modo, Cunha e Cintra (2017) também abordam a gramática como múltiplas regras com a função de orientar sobre como se expressar oralmente, e principalmente na escrita. Cunha e Cintra (2017, p. 23) propõem a gramática como “[...]diversas normas [...]sobre elas, fosse de guia orientador de uma expressão oral e, sobretudo, escrita[...]”.

Com base nessas conceituações, podemos perceber que a gramática em seu viés tradicional, é vista como um aglomerado de regras imprescindíveis para o manuseio correto da língua, tanto em sua forma oral quanto escrita.

Diante do exposto, percebemos que há semelhança nas concepções de gramática em *Tékhné Grammatiké*, de Dionísio de Trácia, em Almeida (1999) e em Cunha e Cintra (2017), pois em modo geral, todas as obras citadas anteriormente, podemos compreender que a gramática é definida como um conjunto de regras para um bom desempenho da fala e escrita. Além das semelhanças nas conceituações, podemos perceber que a *Tékhné Grammatiké* conta com a adoção de uma língua modelo em sua produção: a língua dos grandes escritores, presente em antigas obras literárias. Conforme Neves (2008), para criação dessa primeira gramática, Dionísio de Trácia se espelhou em Homero, um poeta épico da Grécia antiga.

Tomamos como base a característica de escolha de uma língua modelo fundamentada no vernáculo dos grandes escritores, realizamos a análise de algumas obras gramaticais. É possível pensar que Cunha e Cintra (2017) se baseiam na língua usada pelos grandes escritores, pois Cunha e Cintra (2017, p. 24) afirmam que sua obra

Trata-se de uma tentativa de descrição [...] da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias.

Em Cunha e Cintra (2017), podemos perceber que se trata de uma obra descritiva, que se baseia não somente na língua de literatos brasileiros, mas também de portugueses e africanos, que utilizam a língua portuguesa como idioma. E mesmo sendo denominada “contemporânea”, ela tem como modelo não somente a língua de escritores modernos, mas também da época do Romantismo.

Semelhantemente, Almeida (1999, p.4) também defende que a sua obra é pautada na “tradição dos bons escritores.” Em síntese, constata-se que em ambas as obras a língua

modelo é fundamentada na língua dos grandes literatos, confirmando assim esse traço que se originou ainda na *Tékhné Grammatiké*.

Prosseguindo com a nossa análise, percebe-se que algumas dessas regras presentes nas gramáticas tradicionais são aquelas que propõem que o verbo deve concordar com o sujeito, conforme apresentado por Possenti (1996), e que classificam os substantivos em 9 classes: comum, próprio, concretos, abstratos, primitivos, derivados, simples, compostos e coletivos, de acordo com Almeida (1999).

Aqui recordaremos como objetos de nossa observação dois substantivos: os comuns e os próprios. Os substantivos comuns são aqueles que indicam uma variedade de seres de uma mesma categoria, como o vocábulo *árvore*, que pode se referir a um Jequitibá, a um eucalipto, a um pinheiro e etc. (Almeida, 1999). Já os substantivos próprios se referem a nomes de pessoas, como João, José, Maria e etc., a cidades, países, estados, como Cuiabá, Brasil e Mato Grosso, a objetos que possuem características humanas e a entidades jurídicas. Cunha e Cintra (2017) também classificam os substantivos como vocábulos que nomeiam os seres de uma forma geral. Eles são divididos em concretos e abstratos, em próprios e comuns e coletivos.

Os substantivos podem apresentar a função de nomeação de seres da mesma espécie (comuns), quanto seres de determinada espécie (próprios). Por exemplo, os substantivos: mulher, estado e país, são comuns, pois os nomeiam de forma genérica; e os substantivos: Brasil, Mato Grosso e Maria são próprios, pois nomeiam um ser de forma específica. De acordo com Cunha e Cintra (2017, p.192),

[...] os substantivos homem, país e cidade são comuns, porque se empregam para nomear todos os seres e todas as coisas das respectivas classes. Pedro, Brasil e Lisboa, ao contrário, são substantivos próprios, porque se aplicam a um determinado homem, a um dado país e a uma certa cidade.

Dessa forma, percebe-se tanto em Almeida (1999) quanto em Cunha e Cintra (2017) que os substantivos são definidos como palavras que nomeiam os seres. Especialmente, os comuns e os próprios são aqueles que designam os seres de forma genérica e específica. Em vista disso, podemos perceber que em ambas as gramáticas há similaridade na definição da classe de substantivos.

Quanto aos substantivos coletivos, eles são classificados como um conjunto de seres da mesma espécie, tanto em Almeida (1999) quanto em Cunha e Cintra (2017). E em ambos os contextos, é possível identificar uma lista que delinea alguns desses substantivos, na qual

o primeiro apresenta uma enumeração extensa, enquanto o segundo expõe uma relação mais concisa, destacando, apenas, os principais substantivos coletivos.

Entretanto, em Almeida (1999), podemos perceber que o substantivo também pode apresentar função adjetival. Mas essa questão não é especificada no capítulo que apresenta os substantivos, mas sim no tópico que trata sobre os adjetivos. Sendo assim, o substantivo também pode apresentar uma outra função, que é pertencente a outra classe de palavra.

1.1-Gramática + linguística: Inovação?

É observado com essa pesquisa que a gramática tradicional, conforme discutido anteriormente, é classificada por muitos estudiosos como um conjunto de regras necessárias para um correto desempenho da fala e escrita, e adota como modelo a língua dos grandes escritores, como é proposto por Neves (2008), Almeida (1999) e Cunha & Cintra (2017).

Em contraponto à gramática tradicional surge uma nova área de estudo chamada linguística. Essa área foi legitimada enquanto ciência no século XX, após a publicação póstuma do *Curso de linguística Geral* (1916), de Ferdinand de Saussure. Esse linguista promoveu uma inovação nos estudos linguísticos, definindo como objeto de estudo a língua, que é descrita como um “[...] sistema de signos que exprimem idéias” (Saussure, 2006, p.24) e também como “[...] o produto social depositado no cérebro de cada um [...].” (Saussure, 2006, p. 33). Ele inseriu em suas reflexões a teoria dos signos linguísticos, com a dicotomia significante x significado, na qual significante representa a imagem acústica e o significado o conceito ou ideia do que a palavra representa; e também a língua x fala, na qual a língua representa um fato social e essencial do indivíduo e a fala considerada acessória, um ato individual.

Com o reconhecimento da ciência linguística, advém áreas atuantes dentro dessa ciência: como a sociolinguística, que com os estudos variacionistas da linguagem, busca relacionar a língua padrão com a língua efetivamente utilizada pelos falantes (NEVES, 2008).

Com isso, surgem então as novas concepções de gramáticas, pautadas nas variações da língua, como a de Neves (2000) e a de Castilho (2014), por exemplo. A gramática pautada

nessas inovações linguísticas, de caráter descritivo, faz a descrição da língua considerando as mudanças que ocorrem no decorrer do tempo.

Esse tema é discutido por Neves (2000), pois segundo a estudiosa, a gramática passa a apresentar-se como uma obra descritiva da língua efetivamente utilizada no Brasil, ou seja, a língua de fato utilizada pelos falantes de língua portuguesa. Essa obra descritiva baseia-se no estabelecimento de relações entre elementos do léxico e da gramática, aplicando o uso da língua em textos de uso real e evidenciando as normas que comandam o desempenho desses elementos, do nível sintagmático ao textual. Segundo Neves (2000, p.13) a gramática

[...] constitui uma obra de referência que mostra como está sendo usada a língua portuguesa atualmente no Brasil. Para isso, ela parte dos próprios itens lexicais e gramaticais da língua e, explicitando o seu uso em textos reais, vai compondo a “gramática” desses itens, isto é, vai mostrando as regras que regem o seu funcionamento em todos os níveis, desde o sintagma⁴ até o texto.

Dessa forma, diferente da gramática tradicional que possui as regras para o bem falar e o bem escrever, o intuito dessa gramática é o de realizar a descrição da língua em uso, ou seja, aquela que é efetivamente utilizada pelos falantes do português. Nesse contexto, o objetivo é “prover uma descrição do uso efetivo dos itens da língua” (Neves 2000, p.14). De maneira análoga, Castilho (2014) também aborda em sua obra a língua em uso, pois ela não é focada em categorizações, tal como é a gramática normativa, que impossibilita o enxergar a língua. Castilho (2014) busca olhar o que está escondido atrás dessas categorizações e descobrir os processos linguísticos inovadores do português do Brasil. Castilho (2014, p.31) afirma que:

[...]esta não é uma gramática-lista, cheia de classificações, em que não se vê a língua, mas uma gramática. Em lugar disso, procuro observar o que se esconde por trás das classificações, identificando os processos criativos do português brasileiro [...].

Do mesmo modo, percebe-se que segundo Neves (2000) e Castilho (2014), as gramáticas linguísticas são conceituadas como uma descrição da língua, realmente utilizada pelos falantes do português. Sendo esse o objetivo das gramáticas de qualidade: revelar o domínio da língua guardado na consciência dos usuários, partindo do indivíduo sem escolaridade até o mais escolarizado, conforme Castilho (2014).

Um outro aspecto presente nas gramáticas linguísticas é a descrição mais detalhada das funções de um determinado elemento linguístico, como os substantivos por exemplo. Os substantivos são discutidos não somente a partir das classificações mencionadas acima, tal

⁴ Sintagma: Conjunto de elementos linguísticos que formam uma frase.

como consta em Almeida (1999), mas é descrito a partir de suas diferentes funções no sintagma. Podendo atuar como sujeito, como complemento de verbo, predicativo do sujeito e do objeto, vocativo e adjetivo. No enunciado a seguir, há um exemplo de substantivo com a função de adjetivo no sintagma (conforme exemplo presente em Neves, 2000, p. 175):

- a) *Romãozinho, que era assim chamado por ser pequeno: era MENINO; e malévolos.*

Nesse exemplo, o substantivo **menino** atua como qualificador ou classificador, assumindo a função de adjetivo. Todavia, há outro caso em que o substantivo pode apresentar função adnominal, quando posicionado à direita de outro, com o objetivo de qualificar ou classificar. Segue o exemplo proposto por Neves (2000, p. 175):

- a) *Havia um jeito GAROTO dela de dizer as coisas.*

O substantivo **Garoto** é posicionado ao lado de outro substantivo, em que **Garoto** apresenta função adjetival, pois atribui qualidade ao substantivo **jeito**.

Nesse mesmo sentido, em Castilho (2014) verifica-se também a possibilidade de transformação de uma classe de palavra em outra, como no caso do substantivo, que pode assumir o papel de adjetivo. Segue o exemplo (Castilho, 2014, p. 516):

- a) *Fulano é muito homem.*

Nesse caso, o substantivo **homem** **possui** o sentido de adjetivo, que pode apresentar o sentido de corajoso ou que possui qualidades masculinas. Dessa forma, **homem** está qualificando o substantivo **fulano**.

Podemos perceber então, que em Castilho (2014) e em Neves (2000) podem haver semelhanças, uma vez que os substantivos podem apresentar diferentes funções no sintagma.

1.2-Os pronomes pessoais do caso reto

Os pronomes pessoais são determinados como aqueles que representam sincronicamente um substantivo, e o coloca em associação à pessoa do discurso, que é aquele que fala, aquele com quem se fala e aquele de quem se fala. Nesse contexto, para Almeida (1999, p. 170) os “Pronomes pessoais é o que, ao mesmo tempo que substitui o nome de um ser, põe esse nome em relação com a pessoa gramatical.”

Para Almeida (1999), os pronomes pessoais do caso reto, são aqueles que representam o sujeito da oração, sendo eles: Eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas. Portanto, segue o quadro pronominal, conforme Almeida (1999, p.172):

Pessoa gramatical	Retos
1 ^a	Eu
Singular 2 ^a	Tu
3 ^a	Ele, ela
1 ^a	Nós
Plural 2 ^a	Vós
3 ^a	Eles, elas

Fonte: Elaborado pela autora

No entanto, em Castilho (2014) o quadro pronominal apresenta um viés mais inovador, pois não contempla somente o português formal, mas também o informal. Segue o quadro de pronomes, tal como é apresentado por Castilho (2014, p. 477):

Pessoa	PB Formal	PB informal

1^a pessoa sg.	eu	eu, a gente
2^a pessoa sg.	tu, você, o senhor, a senhora	você/ocê/tu
3^a pessoa sg.	ele, ela	ele/ei, ela
1^a pessoa pl.	nós	a gente
2^a pessoa pl.	vós, os senhores, as senhoras	vocês/ocês/cês
3^a pessoa pl.	eles, elas	eles/eis, elas

Fonte: Elaborado pela autora

Percebe-se então, que no quadro acima os pronomes pessoais são: *eu, tu, você, o senhor, a senhora, ele, ela, nós, vós, os senhores, as senhoras, eles e elas*. Já no quadro informal os pronomes pessoais são: *eu, a gente, você, ocê, tu, ele, ei, ela, a gente, vocês, ocês, cês, eles, eis e elas*.

1.3-Os pronomes pessoais do caso reto em apostilas de ensino de língua portuguesa para brasileiros nativos e para estrangeiros

De acordo com o que foi apresentado anteriormente, referente às características e conceituações das gramáticas tradicionais e linguísticas, realizaremos a análise de dois materiais didáticos: apostila do sistema estruturado de ensino e a apostila de ensino de língua portuguesa para imigrantes (PLE). A análise consistirá em compreender qual ou quais abordagens gramaticais estão presentes nos materiais didáticos, no que concerne o ensino dos pronomes pessoais do caso reto.

A apostila do sistema estruturado de ensino (2023) contempla conteúdos de língua portuguesa, matemática, ciências, geografia e história. Especificamente, o conteúdo de língua portuguesa é dividido em quatro unidades, no qual na unidade dois (p. 39), é apresentado o seguinte quadro pronominal:

Pronomes pessoais		
Número	Pessoa	Pronomes retos
Singular	1 ^a	Eu
	2 ^a	Tu
	3 ^a	Ele/ela
Plural	1 ^a	Nós
	2 ^a	Vós
	3 ^a	Eles/elas

Fonte: Maxi: 9º ano: ensino fundamental, anos finais: caderno 1: Multidisciplinar . –1. ed. –São Paulo: Somos Sistemas de Ensino, 2023.

Conforme apresentado acima, o quadro pronominal na apostila do sistema estruturado de ensino (2023), é constituído dos seguintes pronomes pessoais do caso reto: eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas. Dessa forma, conforme a explanação dos quadros pronominais feita anteriormente neste trabalho, percebe-se que a elaboração dessa apostila didática, amparou-se em uma dada gramática: a gramática tradicional, pois apresenta o mesmo quadro pronominal das gramáticas normativas, não considerando as mudanças linguísticas que ocorrem na língua.

Quanto à abordagem do conteúdo dos pronomes nesta apostila do sistema estruturado de ensino (2023), percebe-se que há pouca exposição do assunto, pois os pronomes pessoais do caso reto, são definidos somente como aqueles que exercem a função de sujeito na oração. Contudo, verifica-se que há uma maior explicação do conteúdo, no que se refere ao ensino dos pronomes oblíquos, no qual é apresentada de forma bem detalhada, a colocação pronominal, com as conceituações de próclise, ênclise e mesóclise, ficando os pronomes pessoais do caso reto restrito somente à definição anteriormente citada.

Mas qual o motivo de haver pouca explicação do assunto no que se refere aos pronomes pessoais? Ao nos atentarmos, percebemos que a unidade 2 que contempla o quadro pronominal não tem como foco o ensino da gramática, mas das campanhas publicitárias, o que pode justificar essa breve exposição de conteúdo neste material didático. Conclui-se que

há então uma abordagem tradicional no quadro pronominal, mas o ensino não é concentrado no conteúdo gramatical.

Todavia, realizando um estudo analítico da unidade que antecede o quadro pronominal, percebemos que há na apostila do sistema estruturado de ensino (2023) uma explicação bastante detalhada acerca das variedades linguísticas, na qual são abordadas as variantes formal e informal. As variações linguísticas também são apresentadas de forma bem minuciosa, nas quais são conceituadas as variações geográficas, históricas, situacionais e socioculturais, evidenciando uma maior atenção ao aspecto sociolinguístico da linguagem.

Contudo, na apostila do sistema estruturado de ensino (2023) encontramos um breve comentário sobre a gramática e a norma padrão da língua portuguesa, de que a gramática é a responsável por padronizar a língua portuguesa, mas que se deve considerar que há várias formas de falar e escrever, pois não há uma língua única, e todas as variações devem ser consideradas. Nesse sentido, na apostila do sistema estruturado de ensino (2023, p. 15) é apresentado que o português

[...]possui uma gramática própria que normatiza o padrão da Língua Portuguesa. Isso é fato. Mas devemos levar em conta que pessoas falam e escrevem de formas variadas [...] desse modo, é preciso considerar que não há um padrão único da língua, mas sim um conjunto de possibilidades que deve ser considerado[...]

Entretanto, ao confrontar o ensino de pronomes pessoais nessa apostila, com o que é discutido na mesma sobre a diversidade linguística, percebe-se que há uma contradição, uma vez que ao se propor um conteúdo tal como é definido na gramática tradicional, sem considerar a língua efetivamente utilizada pelos falantes, não há como se declarar a língua como um “conjunto de possibilidades” e sim como um conjunto de regras, que devem ser seguidas para um bom desempenho da fala e escrita (Almeida, 1999).

Dando continuidade à análise do material didático do Curso de Português para imigrantes (2020), verifica-se que esta foi elaborada com o objetivo de atender a demanda de imigrantes que buscam refúgio no Brasil e capacitá-los, ajudando-os na aquisição da língua portuguesa enquanto segunda língua.

Por conseguinte, agora partiremos para o estudo analítico do quadro pronominal, presente na apostila de ensino de língua portuguesa para estrangeiros, que apresenta o seguinte quadro de pronomes (p. 5):

Pronomes pessoais	
Eu	Eu
Tu	-
Ele/ela	Você/ ele/ ela/ a gente
Nós	Nós
Vós	-
Eles/ elas	Eles/ elas/ vocês

Fonte: SILVESTRE, Maria Christina de Magalhães; SOUSA, Josicleide Barbosa de (org.). **Curso de português para imigrantes refugiados**. São Paulo: Missão Paz, 2020. 95 p.

Ao analisarmos o quadro pronominal acima, podemos perceber que ele contempla duas formas de ensino dos pronomes. Na primeira, os pronomes pessoais do caso reto são: Eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas, e na segunda são: Eu, você, ele/ela, a gente, nós, vós, eles/elas e vocês. Nesse sentido, verifica-se que esta apostila abrange tanto os pronomes pessoais de acordo com a gramática tradicional, quanto os pronomes pessoais presentes nas gramáticas descritivas (linguística).

Portanto, comparando essas duas apostilas didáticas aqui citadas, verifica-se que ambas apresentam o quadro pronominal de vertente tradicional, composta pelos pronomes: eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas. Mas também se percebe que a apostila de língua portuguesa para imigrantes, também apresenta o quadro de pronomes pessoais que são presentes nas gramáticas que consideram o aspecto sociolinguístico da linguagem, como a de Neves (2000), na qual é incluso o pronome *você* como 2ª pessoa do singular e *vocês* como 2ª pessoa do plural e a de Castilho (2014), na qual é incluso o pronome *você* e também o *a gente*, sendo esse referente à primeira pessoa do singular e plural.

Com isso, podemos perceber que os usos instituem padrões (Neves, 2008), pois esses pronomes pessoais foram e ainda são tão utilizados pelos falantes da língua, que se tornou necessário à sua incorporação à gramática.

Entretanto, percebe-se que a apostila de ensino de língua portuguesa para estrangeiros, difere-se do proposto por Castilho (2014), pois classifica o pronome *a gente* como referente à 3ª pessoa do singular, juntamente com *eles* e *elas*.

Mediante o exposto, podemos nos questionar: afinal, por que há diferença no ensino de pronomes pessoais para brasileiros e estrangeiros, se ambas se propõem ao ensino

de Língua Portuguesa? Podemos supor que se distinguem por causa do propósito para a qual foram criadas.

A apostila de português para imigrantes foi elaborada para capacitar os estrangeiros, e ajudá-los na comunicação, e consequentemente na busca por trabalho e em sua inserção na sociedade, pois o foco é “possibilitar ao migrante algumas ferramentas para sua comunicação a fim de somar ao seu processo de inclusão à busca por trabalho, instrução em vários níveis e integração”, conforme é proposto na apostila Curso de Português para imigrantes (2020, p. 3).

No material didático para brasileiros, a norma culta é a escolhida como forma de ensino, o que pode ser explicada pelo fato dos brasileiros já possuírem o domínio da língua efetivamente utilizada para se comunicar. Portanto, se torna então necessário o aprendizado das regras gramaticais, que lhes permitirão a aquisição da língua culta, uma vez que é necessário para “um bom desempenho da fala e escrita”, conforme discutido por Neves (2008), pois o intuito da escola, é o de ministrar o ensino padrão, e de propor condições para o desenvolvimento do aluno (Possenti, 1996).

Conforme com o que foi fundamentado nessa análise, foi possível perceber que a língua apresenta-se em constante movimento e transformação ao longo da história. E essas inovações linguísticas que decorrem refletem diretamente no ensino da língua, pois percebemos que a língua que antes era focada somente em regras e classificações, passou a ser então considerada em seu aspecto social, ou seja, em seu uso real e efetivo.

Dessa forma, entre o tradicional e o linguístico, grandes são as discussões sobre qual língua deve ser pautada o ensino de português nas escolas, pois há linguistas que defendem o ensino da norma culta e outros que defendem o ensino da língua efetivamente utilizada pelos falantes. Por exemplo, em Almeida (1999) a língua defendida é a culta, pois para esse estudioso a gramática é considerada uma obra que deve ser estudada completamente, pois o seu estudo fragmentado provoca falhas no processo de aprendizagem, pois segundo Almeida (1999, p.3)

[...]a gramática, ou seja, o texto, o livro de ensino grammatical deve ser estudado integralmente. Resultado da fragmentação do ensino da Gramática em opúsculos ou em partes que tudo encerram menos método é não encontrarmos aluno do segundo ciclo que saiba flexionar um substantivo composto, que saiba positivamente em que consiste um superlativo, um pronome relativo, um verbo defectivo[...]

Entretanto, há linguistas como Uchôa (2016) e Possenti (1996) que defendem o ensino de ambas, pois no ensino fundamental o aluno obterá conhecimento sobre a língua, por meio da produção e interpretação de textos, ou seja, o ensino deve ser pautado na prática da língua já utilizada pelo discente. Nessa fase, a gramática será acessória. Em suma, é no ensino médio, que os alunos podem ter contato com um ensino mais reflexivo sobre a língua, sendo então a gramática apresentada e incorporada no processo de ensino-aprendizagem (Uchôa, 2016). Da mesma forma, sob a perspectiva de Bagno (2002), o ensino da língua pautado na ciência linguística deve ser apresentado ao aluno somente quando ele estiver capacitado das habilidades de fala, leitura e escrita, estando pronto para compreender o funcionamento da língua.

No entanto, Possenti (1996) discute que a gramática tradicional deve sim ser ensinada, mas que o foco não deve ser somente em suas regras, mas no ensino da língua efetivamente utilizada. Nesse sentido, é então possível o ensino da língua, sem ater-se aos termos técnicos gramaticais, porque “não faz sentido ensinar nomenclaturas a quem não chegou a dominar habilidades de utilização corrente e não traumática da língua”. (Possenti, 1996, p. 55). Portanto, há distinção entre ser conhecedor da língua e ser conhecedor da gramática tradicional.

Referências

- BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua Materna: Letramento, variação e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002
- Maxi: 9º ano: ensino fundamental, anos finais: caderno 1: Multidisciplinar. –1. ed. –São Paulo: Somos Sistemas de Ensino, 2023.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português/** Maria Helena de Moura Neves. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola? /** Maria Helena de Moura Neves 3. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.
- NEVES, MHM. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem[online].** 2nd ed. rev. and updt. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola/** Sírio Possenti – Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).
- SAUSSURE, F. DE. **Curso de Linguística Geral.** 27. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2006.

SILVESTRE, Maria Christina de Magalhães; SOUSA , Josicleide Barbosa de (org.). **Curso de português para imigrantes refugiados.** São Paulo: Missão Paz, 2020. 95 p.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. **O ensino da gramática: caminhos e descaminhos.** 2. Ed., rev., atual. – Rio de Janeiro: Lexicon, 2016.